

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: Caio De Giovani

Entrevistado/a: Dianira De Giovani Gomes

São Paulo, 28 de Maio de 2025

Duração: 0 hora e 26 minutos

Local de realização: Casa da Entrevistada, Catanduva - SP

ENTREVISTA COM - Dianira De Giovani Gomes

Entrevistador: Qual o seu nome completo? Por favor.

Dianira: Dianira De Giovani Gomes. (entrevistada está sentada em cadeira branca de madeira com papel machê, de encosto largo, ao lado de vasos de flores e mesa com toalhinha de tricô, em sua cozinha, usa camiseta preta com estampa de flores, calça preta de moletom, pés despidos em tamanco salto 10, óculos de armação larga em tom castanho, cabelos levemente ondulados na altura dos ombros/pescoço).

Entrevistador: Qual a sua memória mais antiga?

Dianira: Hmmm (pausa) Ah, na minha infância, quando eu tinha uns 4, 5 anos, e morava numa cidadezinha bem pequenininha chamada Dobrada, e eu lembro porque são as primeiras memórias mesmo da minha infância, sentada assim na na papai tinha um armazém então tinha aquelas portas enormes, né a gente sentava ali pra brincar com as crianças na calçada era uma cidadezinha bem pequenininha bem simples e essa é minha primeira memória e numa dessas é... datas festivas teve um desfile de soldados acho que fazia um tiro de guerra uma coisa assim e eles disse- ah não, eles voltaram da segunda guerra mundial porque eu nasci durante a segunda guerra mundial e eu já tava com quatro anos mas ainda foi quando... acabou a guerra e eles voltaram né, dois dois fuzileiros de uma cidade tão pequenininha, desfilaram ali na rua e eu lembro disso é uma das memórias mais primitivas que eu tenho então eles foram homenageados né, tinha uma bandinha eles passaram com né espingarda, como é que chama aquele outro (gesticula apontando ombro esquerdo).

Entrevistador: Baioneta?

Dianira: A baioneta, sim posta do lado esquerdo então é essa memória que eu... que me marcou bastante porque não era uma coisa comum né.

Entrevistador: Com relação a arte, pintura, música, costura, qualquer coisa assim, nessa direção...

Dianira: Eu acho que foi, foi surgindo aos poucos eu nem sei te precisar uma data, né a pintura... eu sempre gostei mesmo quando estudante, porque na época que eu estudava tinha aula de desenho, de trabalhos manuais, então tudo que eu fui aprendendo, foi nessa época de... de- começa no primário, que a gente já tinha bordados fazer bordados tinha exposição no no final do ano depois no ginásio, que veio música trabalhos manuais, essas coisas, então eu fui... desenvolvendo isso mas eu acredito que é porque eu gostava muito já é uma coisa nata em mim né, gostar dessas coisas, então eu fui desenvolvendo por interesse próprio, eu nunca fiz curso nenhum... então eu comecei a pintar, a fazer trabalhos manuais, bordar, costurar, tudo... por minha conta mesmo.

Entrevistador: Mas os primeiros contatos, foi em aula...?

Dianira: (pausa) É...

Entrevistador: Alguém ter te ensinado a costurar...?

Dianira: Não, eu fiz. Cheguei a fazer curso de costura mas aí eu já tava numa “idadezinha” mais avançada, acho que com treze, quatorze anos era é no Normal né, que fazia, fiz o curso Normal. “Cê” sabe o que é o Curso Normal?

Entrevistador: O que é?

Dianira: Pra se formar “pra” professor tinha o científico, que era pra seguir qualquer outra matéria ou até... matemática, física, química, e o Normal que era pra formar pra professor entendeu?

Entrevistador: Então você teve os primeiros contatos com arte a partir de professores, de aulas, e depois você foi se tornar professora, por que você foi se tornar professora?

Dianira: Ah, porque na época as opções eram poucas né, é... era o curso Normal, ou o científico que chamava na nossa época era assim, que se direcionava “pra” outros, outras coisas contabilidade, outros tipos de profissões que não eram do meu, que não era um do meu interesse.

Entrevistador: Como foi essa formação? e depois quando você começou a dar aula...?

Dianira: Então, eu estudei no Colégio que a gente chamava de- de Colégio colégio só feminino né, de freiras e a opção era essa, sair como formado- como professora e... depois eu fui... eu me casei logo em seguida, não comecei a dar aula logo não, eu casei em maio, depois só em agosto do mesmo ano que foi em 1960 a... a ser substituta né, na escola depois de alguns anos como substituta, eu prestei o concurso “pra”... a gente chamava assim: pra escolher a minha cadeira de professora né (ênfase cômica), aí passei aí já fiquei como efetiva fui primeiro pra um pro- a gente chama de “Sertão” né, um lugar bem no interior, bem afastado fiquei por lá um ano, até conseguir uma vaga pra voltar pra, pra minha cidade, que é Catanduva (SP).

Entrevistador: Qual a idade? Das crianças?

Dianira: (pausa) Como assim?

Entrevistador: Dos Alunos

Dianira: Ah! no primário né era de 1^a 2^a 3^a e 4^a série primária então vai dos 7 aos 10, 11 anos 10, 11 anos né,

Entrevistador: E até quando?

Dianira: Então, eu ingressei em 1968... (pausa) deixa eu lembrar direitinho... nesse lugar que eu chamei que é- era longe, tinha que ficar a semana inteira lá, eu já era casada, tinha

filha, então- e tinha aulas aos sábados também então era longe, eu viajava né, ficava lá a semana inteira e havia aula no sábado e à tarde no sábado eu vinha pra- pra minha cidade que é Catanduva (SP) e... no domingo já pegava o trem, e ia de trem voltava pra lá pra ficar a semana inteira aí como eu já tinha o meu filho né, o Maurício já com seis anos de idade que eu deixava ele com a minha sogra tudo, e com o pai ficava longe, quando chegou a época de remoção eu escolhi ir pra São Paulo pra não ficar longe da família.

Entrevistador: Lecionou até que ano?

Dianira: (Breve Pausa) 1988, desde- de 68 que eu ingressei até 88, 20 anos e daí depois eu vi, pra eu me aposentar, porque eu me aposentei com 25 anos de trabalho, mas, contou esses 20 anos como efetiva, e 5 anos de substituta que eu trabalhei antes da efetivação aí eu me aposentei em 1988.

Entrevistador: Como era nessa época? tinha cartilha?

Dianira: Tinha, cartilha caminho suave (tom levemente irônico), na época era cartilha caminho suave era aqueles- aquela alfabetização bem antiquada mesmo, começar com “ba bé bi bó bu” sabe, “dá dé di dó du”, e depois foi foram surgindo outros métodos né, de- de alfabetização, mas na minha época era esse mesmo.

Entrevistador: E nesse meio tempo, como que apareceram, ou continuaram a questão da música, da pintura, da costura, da jardinagem também né?

Dianira: Ah eu gosto muito de tudo isso sabe, mas a parte de música assim vem desde o primário né que a gente os professores a gente cantava ainda na época tinha filas, cada classe fazia a sua fila no pátio e antes da gente entrar tinha que cantar uma música ali no pátio todo mundo cantava e depois a gente seguia pra sala de aula então ali acho que já começou a desenvolver depois fui indo né... participei de- de Orfeão quando eu estudava no- no colégio já...- não, a música... começou quando eu fui...- bom, eu já gostava, eu já tinha minhas crianças todo final de- de do dia né nos últimos dez minutos de aula, a gente cantava sempre cantava era uma coisa assim, mas depois quando eu era substituta, eu ficava... na classe de uma professora que tinha um nome muito parecido com o meu, é, Iacira ela se chamava e ela

gostava muito, tocava violão, ela me ensinou a tocar violão, e com isso nós montamos o primeiro Orfeão, da- da- do a gente chamava de grupo escolar né, do grupo escolar que a gente trabalhava.

Entrevistador: O que é um orfeão?

Dianira: Um Orfeão é um... (pausa) que nem teve agora ali que cê tava assistindo... um coral mas a gente chamava de Orfeão era um coral, tinha primeira, segunda e terceira voz eu tocava violão e a Dona Iacira comandava o tempo da música, era a maestra vamos dizer assim, e nosso Orfeão era- ficou famoso, a gente era convidado pra tocar quando tinha... é... encontro né, de- de- de tem um nome certo que agora me fugiu, é... de encontro de- de médicos, por exemplo como chama? Eu esqueci... (pausa) um convênio! um Convênio, de medicina, num clube da cidade, aí eles chamavam a gente pra tocar tudo gratuitamente.

Entrevistador: Também levava as crianças?

Dianira: Sim, levava o Orfeão, o coral né, que era um coral, mas na época a gente chamava de Orfeão. então, o violão acho que “Cê” perguntou e eu acabei não contando né?

Entrevistador: Contou

Dianira: contei? pra professora? “Cê” vê, cabecinha já tá meio, atrapalhada. Dona Iacira, minha... professora de violão e... e- e do coral né, que ela que montou o coral, e me chamou pra trabalhar com ela.

Entrevistador: E piano? você tocava um pouco de piano

Dianira: Bom, o piano, na verdade foi comprado porque quem fez curso mesmo de piano nove anos de piano foi a Vanessa né, a minha filha, e tendo piano ali em casa e eu gostando de música, eu- eu tinha orfeão essas coisas, eu sempre gostei, então eu gostava da música, mas eu nun- nunca fiz Um curso de música das notas, Eu tocava de ouvido comecei fuçar no piano, e- porque eu comprei pra ela, que ela fez nove anos de piano, e, com isso eu fui

mexendo ali tirando umas músicas de ouvido mesmo mas o piano ela acabou levando né...
Que mais que “cê” perguntou mesmo?

Entrevistador: A Pintura...

Dianira: Ah, a pintura foi uma coisa espontânea, minha... sempre gostei, desde... que eu era aluna, de primário, eu gostava de desenhar, de pintar, e a coisa foi evoluindo... aí quando eu já tava adulta, casada, com filhos e tudo- não eu cheguei a pintar um quadrozinho quando- quando eu era solteira, até ficou com a minha mãe na casa da- dos meus pais né, e depois veio de novo aquela veia da pintura, eu comecei a pintar telas acho que ó (aponta para os quadros no cômodo ao lado), tá ali nesses primeiros quadros, oitenta e sete, 1987 tem a data, foram os primeiros quadros né, primeiros e uns que- depois eu não, não pintei mais quadros. (Pausa, pensa).

Entrevistador: Hoje em dia...

Dianira: Oi?

Entrevistador: Hoje em dia não pinta não?

Dianira: Não, faz muito tempo já que eu não... acho que eu nem lembro mais o nome das tintas, nem nada que eu usava, foi uma coisa do- do momento mesmo, porque depois vieram os filhos né, veio tanta coisa, mudei pra São Paulo, que tudo era mais difícil, era mais corrido, e... e ficou, a pintura ficou mais assim, pra eu... ensinar os alunos né, que eles eu gostava muito de dar na- na- na aula de artes né pintura, primeiro na- na- na folha de sulfite, tudo era só na folha de sulfite, pra eles não tinha como né, que era um grupo escolar bem, de vila mesmo, eles não teriam condição de comprar tinta, tela, essas coisas pra pintar.

Entrevistador: Não tinha canetinha...?

Dianira: Era mais-

Entrevistador: Lápis de cor?

Dianira: Sim, lápis de cor só lápis de cor, naquela época nem canetinha, tinha, ainda...
(risos)

Entrevistador: E tinha alguma referência? algum artista que você gostasse? ou você pintava só o que você queria? o que você gostava...?

Dianira: Olha eu tô querendo me lembrar... (fecha os olhos) nossa tá difícil lembrar o nome desse- desse pintor esse primeiro quadro que eu tenho aqui (abre os olhos e aponta para o quadro), que na verdade parece que são três mulheres mas são seis faces, “cê” já reparou ali? aqui nessa parede, então, ah! Lasar não sei o que Lasar.

Entrevistador: Lasar Segall?

Dianira: Lasar Segall, então como eu gostava de pintar, eu não sei de onde que eu vi essa pintura do Lasar Segall é- e- essa que eu quis imitar, imagina eu imitando um Lasar Segall né, mas eu fiz, fiz do meu jeito e repliquei aquela... aquela obra dele.

Entrevistador: Era mais difícil né? ter acesso às obras; hoje em dia na Internet é muito fácil, antigamente-

Dianira: Ah não, era um... era um, tipo de um é, era não, é um tipo não, era realmente um cartão de Natal (pausa afirmativa) eu recebi no Natal com- com essa gravura, que é desse quadro aqui.

Entrevistador: Senão você não ia conhecer?

Dianira: É, tava escrito Lasar Segall, isso eu me lembrei dele, agora que “cê” completou o nome, então eu me arrisquei a fazer essa... essa cópia dele aí (risos), depois eu fiz um cursinho rápido de pintura, que foi quando eu fiz aquelas telinhas menores ali, essas aqui, que estão aqui, ó, no ca- com uma senhora que dava aula de pintura lá, em... perto de casa e foi isso só, nunca fiz um curso mesmo, uma escola, nada não, mas eu sempre gostei de desenhar, mesmo que fosse- não sei se vo- “cê” não pegou essa época, você é muito novo.

Antigamente, quando a gente fazia o primário, tudo, existiu um caderno de desenho era um-
cê chegou a conhecer isso?

Entrevistador: Sim, sim, não tinha pauta né?

Dianira: É, aquelas folhas brancas, então eu desenhava bastante né, desde sempre... ali, na escola né, com os alunos também, e aí a coisa foi até chegar um pouquinho nas telas, mas dentro da minha... (pausa) simplicidade, sem curso nenhum né, fui, arriscando mesmo.

Entrevistador: E jardinagem?

Dianira: Bom, isso aí eu sempre gostei, porque... a minha mãe, desde que eu me lembro... por gente, lidava com... é- gostava né, quando a gente tinha quintal grande, na época era tudo terra mesmo né, não tinha esses quintais... é... com piso, então a mamãe sempre gostou também, e eu fui adquirindo essa coisa dela, de plantar, de- de gostar de flores, aí depois as coisas vão mudando, os quintais já não tem mais terra e fu- fui cultivando em vasos né, do jeito que que “cê” vê até hoje.

Entrevistador: Até hoje continua?

Dianira: É, mas aí se você quiser completar a sua entrevista, “cê” faz um... um videozinho ali (risos), e vê, a florestinha que tem ali (risos).

Entrevistador: E costurar, até hoje?

Dianira: Bom, a costura vem desde os meus (breve pausa) treze, quatorze anos que... era uma coisa da nossa época, que os pais “hã”, colocavam os filhos pra aprender a costurar né, então na época eu acho que com quatorze, minha irmã era três anos mais velha, ela com dezessete a gente foi fazer um curso de corte e costura, era bem antiquado, uma coisa bem... diferente do que é hoje né ah!, a costura então, a gente fez o corte costura que chamava, e a gente começou a- a fazer nossas próprias roupas, eu e minha irmã, e dali desenvolveu, eu fiz o curso, e a gente fazia nossos próprios vestidos, e que na época eram vestidos... (pausa breve) que usavam no mínimo sete metros de tecido, “cê” já assistiu algum filme antigo que

tem aquelas saias rodadas, então, eram pra cada vestido que a gente fazia ia de seis a sete metros, porque eram saias rodadas, tinha babado, tinha isso, tinha aquilo, e cada uma fazia assim, costurava a sua roupa e a mamãe sempre costurou pra gente, então ela- eu não sei como minha mãe aprendeu a costurar, acho que foi... com a família mesmo alguma coisa assim, e... e ela costurava muito bem, então algumas coisas ela também ensinou a gente mas eu- nós fizemos mesmo corte e costura de fazer molde, tudo essas coisas sabe, e até hoje eu não faço mais uma roupa inteira pra mim, Só arrumo, conserto, aperto, faço barra, essas coisas mas...

Entrevistador: Borda?

Dianira: É, bordar sim, e eu já bordei bastante.

Entrevistador: Aplicação?

Dianira: É, as aplicações, se eu tiver- bordar, bordar mesmo, com agulha, (breve pausa) faz tempo que eu não faço isso também mas eu sei fazer; tricô eu sei fazer, crochê eu sei fazer, tudo coisas da- da época da gente, hoje em dia a gente quase já não vê mais né? essas coisas...

Entrevistador: Tudo com as mãos...

Dianira: Tudo é trabalho-, trabalhos manuais.

Entrevistador: E a decoração?

Dianira: A decoração vem... de uma revista chamada casa e jardim, “cê” conhece? eu acho que existe até hoje, eu acho que eu tenho alguma por aí, deve tá guardado, uma revista que era... eu não me lembro se era mensal, se era semanal, mas eu gostava muito, então eu fui aprendendo a decorar através dessa revista chama casa e jardim eu acho que ela ainda existe.

Entrevistador: Quantas galinhas tem na cozinha?

Dianira: Quem conta é o Ian (sobrinho) (risos), eu não sei “cê” já contou de novo? (falando mais alto chamando o sobrinho que estava na sala ao lado) ah bom, porque não tem tudo isso não, ah, uma vez ele contou aí parece que era 104, se eu não comer- se eu não quebrei mais nenhuma, deve ser isso mesmo (Total atualizado: 139 galinhas) e a galinha faz muito parte da co- da- da... da decoração nas revistas assim de decoração, as galinhas sempre tem bastante na decoração, fala pode falar, não, é isso, eu fui aprendendo tudo mesmo pela casa e jardim.

Entrevistador: Você que decora tudo?

Dianira: Sim (pausa), não sei se todo mundo gosta né eu sou meio doidinha mesmo, eu tenho meu gosto mais assim... Campestre né, a minha decoração é mais campestre essas canequinhas por exemplo, que tá atrás de você, eu lembro que tinha na casa da minha avó, cê imagina (pausa), isso chama Ágata, o material, e ele lasca cê tá vendo que sai - onde ele bate, dá 1 lascadinha, que é a mesma coisa dessas panelinhas aí, tudo- é tudo de Ágata só que eu não uso ela- já usei para cozinhar, mas, elas estão mais como enfeite agora.

Entrevistador: E dança?

Dianira: (Rosto de indagação)

Entrevistador: Dança.

Dianira: A dança... (longa pausa) engraçado... Eu lembro... de uma dança... que eu nem- não é nem dança de salão, foi uma... amiga minha, não sei o que que era que ela tinha lá uns eventos e ela formou um grupo de dança né, então a gente- quando ela ia nesse evento, a gente ia dançar, acho que nós éramos em cinco ou seis, a gente tinha... que fazer roupas especiais tudo, e ia em algum evento assim, mas familiar né, não... nada de clube e que eu comecei a- lá quando eu morei... em São Paulo, eu ia dançar- “cê” já ouviu falar da, não tô lembrando direito o nome que tem, era um- era um lugar que tem vários restaurantes assim, e tinha uma pista no restaurante de dança ali, a gente dançava, comecei dançar ali e aí quando eu mudei para cá eu fui para o clube dançar (risos), eu tô aqui a vinte e quatro, vinte e cinco né, mudei no ano 2000 então foi o final de- de de século ali, antes de virar.

Entrevistador: Lá em São Bernardo, quando você começou a dançar em São Bernardo?

Dianira: Bom, eu mudei pra São Bernardo em 1980, (breve pausa) eu não sei te precisar o ano certinho, mas foi nesse- nesse- nessa década aí de oitenta pra noventa mais ou menos.

Entrevistador: E até hoje dança?

Dianira: Ah sim... (Sorriso maroteante)

Entrevistador: Aos 83?

Dianira: 83... (acena concordando com a cabeça ao pronunciar de forma um pouco mais lenta, mantendo parte do sorriso) faço 84 em agosto (breve pausa reflexiva) é agora eu dei uma encrencadinha né, não tenho ido, “cê” sabe, mas, é... assim que eu tiver- legal de Novo, eu vou voltar sim.

Entrevistador: E você acha que você acabou... se encontrando? Nessa questão de ser professora? e de artes? e nisso de misturar as duas coisas...? pra ensinar pras crianças também...?

Dianira: Mas depois eu fui pra faculdade né, também, então... montei meu consultório de psicologia, meu- meu tempo já era... todo tomado, porque eu dava aula de manhã, e à tarde, e à noite eu ia pro consultório, não tinha um tempo assim... pra ficar curtindo outras coisas, como trabalhava a semana inteira de manhã até de noite, fim de semana acabava... de eu ficar fazendo alguma coisa em casa que eu precisasse fazer né.

Entrevistador: mas quando não tava tão ocupada, tão cansada, com tanta responsabilidade, você gostava de parar pra fazer essas coisas né?

Dianira: Sim

Entrevistador: pra pintar, pra tocar violão, pra bordar, pra cuidar do jardim...

Dianira: Não, é... (segue enfática) eu sempre gostei, gosto ainda né, eu acho que eu fiz tudo que eu tive vontade, e... foi por gostar de fazer, é isso aí. Meu violão por exemplo, tá desafina- não é desafinado, ele tá empenado então desde que ele empenou também, não peguei mais por isso que eu te falo as coisas vão... (gesticula o passar do tempo girando as mãos) vão mudando... né, aí vem outras coisas, vem... a tecnologia, que já não... (pausa reflexiva) sei lá, cê vai largando e não percebe nem como direito sabe, vai se interessando por outras coisas, e aquilo já faz parte do passado. LOnga pausa, e expectativa)

Entrevistador: E agora então... gostaria de te pedir um favor, poderia nos mostrar a sua casa?

Dianira: Sim..! vamos lá. (levanta-se)